

Existência em crise: as situações-limite em Karl Jaspers

Existence in crisis: limit situations in Karl Jaspers

Gerson Brea

<https://orcid.org/0000-0002-5550-8739> - E-mail: gersonbrea1@gmail.com

Hiroshi Kabashima

<https://orcid.org/0000-0001-5315-6330> - E-mail: kabashima.hiro@gmail.com

RESUMO

Querer investigar, num curto ensaio, as diversas facetas das situações-limite, bem como suas consequências para a existência humana, revelaria uma pretensão descabida. O que intencionamos aqui é simplesmente explorar, a partir de indicações fornecidas por Karl Jaspers, alguns momentos que as constituem. Optamos por nos aproximar do tema a partir de cinco perspectivas: o limite, o sentido, o nada, o sofrimento e a finitude. Em *o sofrimento*, empreenderemos uma breve crítica textual de passagens de duas obras centrais de Karl Jaspers: *Psychologie der Weltanschauungen*, de 1919, e *Philosophie*, de 1932. Perceberemos aí uma modificação no modo como o sofrimento é apresentado. Embora sutil, essa alteração leva-nos não somente a precisar o papel das situações-limite na filosofia da existência jaspersiana, mas também a vislumbrar uma tensão entre situações-limite e *experiências* com situações-limite.

Palavras-chave: Jaspers. Existência. Crise. Situações-limite.

ABSTRACT

To try to reveal, in a short essay, the various facets of limit-situations and their consequences for human existence is a misplaced idea. Instead, we intend to explore, based on some indications provided by Karl Jaspers, some moments that constitute them. We chose to approach the theme from five perspectives: the limit, the meaning, the nothingness, the suffering and the finitude. In suffering, we will undertake a brief textual critique of passages from two central

works by Karl Jaspers: *Psychologie der Weltanschauungen*, from 1919, and *Philosophie*, from 1932. In doing this, we will be able to notice a change in the way suffering is presented. Although subtle, this change leads us not only to specify the role of limit-situations in the Jaspersian philosophy of existence, but also to uncover a tension between limit-situations and experiences linked with them.

Keywords: Jaspers. Existence. Crisis. Limit-situations.

“Situações-limite” [*Grenzsituationen*]¹ não são apenas um entre outros temas relevantes, mas representam o centro em torno do qual gravita toda filosofia da existência de Karl Jaspers. Mas não somente isso. Embora apresentem-se de modos distintos, não é difícil encontrar o conceito de situações-limite nos existencialismos das mais diversas matizes. Basta lembrar-nos da ideia de “absurdo” em Albert Camus, da “náusea” em Jean-Paul Sartre ou de “existenciais” em Martin Heidegger².

Assim, não compreender o conceito de situações-limite, pode gerar um grande mal-entendido e desvirtuar a compreensão de qualquer esforço de pensar a existência humana e suas aporias. Ademais, vê-las como produto de um “subjetivismo parasitário” (Lukács) ou como reflexo de uma época decadente que ficou para trás é tão descabível como arrancá-las de seu escopo genuinamente filosófico, seja definindo-as como objeto de uma determinada ciência, seja pervertendo-as por meio de análises vazias, preocupadas exclusivamente com a linguagem e a clareza conceitual. Mas afinal: o que são situações-limite?

O limite

É importante frisar logo de início: estar em um momento difícil da vida, encontrar-se em uma situação que não pode ser facilmente decifrada e cujo desdobramento se revela obscuro e incerto, não caracteriza a essência das situações-limite. Uma passagem da *Psicologia das Visões de Mundo* (1919), de Karl Jaspers, coloca-nos diante do problema:

Essas situações-limite como tais são insuportáveis para a vida, e assim quase nunca se apresentam em toda sua clareza à nossa experiência viva; efetivamente quase sempre possuímos um apoio diante das situações-limite. Sem ele a vida cessaria.³

¹ As *aspas duplas* serão utilizadas em citações, bem como em termos utilizados por Karl Jaspers e, quando não indicado, traduzidos por nós. Ao lado do termo traduzido – procuraremos indicar em colchetes ou em notas de rodapé – a palavra ou passagem no original alemão. As *aspas simples* serão introduzidas para assinalar o uso de uma expressão mais coloquial. Por fim, faremos uso do *itálico* para sublinhar ou diferenciar conceitos. Em citações, todavia, o emprego do *itálico* reproduz o destaque dado pelo autor no original alemão.

² Heidegger captou muito cedo a relevância filosófica da ideia de situações-limite. Em suas *Notas sobre a “psicologia das visões de mundo” de Karl Jaspers*, “uma recensão crítica, que surgiu no ano de 1919-1921”, mas que só foi publicada em 1973, Heidegger identifica as situações-limite como “o núcleo que consolida o todo do trabalho” de Karl Jaspers (HEIDEGGER, 2008, p. 21). Também em *Ser e Tempo* (1927) encontramos uma referência a situações-limite. Em uma nota, Heidegger destaca que, nas *Psicologias das Visões de Mundo*, “se questiona ‘o que é o homem’ e se o determina a partir do que ele essencialmente pode ser [...]”. Com isso, pode-se esclarecer, em princípio, o significado ontológico-existencial das ‘situações-limite’. A tendência filosófica da ‘Psicologia das concepções de mundo’ fica inteiramente descaracterizada quando dela ‘se faz uso’ como uma obra de consulta e referência dos ‘tipos de concepções de mundo’ (HEIDEGGER, 2002, p. 91).

³ „Diese Grenzsituationen als solche sind für das Leben unerträglich, sie treten daher in restloser Klarheit fast nie in unsere lebendige Erfahrung ein, sondern wir haben faktisch fast immer angesichts der Grenzsituationen einen Halt.“ (JASPERS, 1960, p. 229).

O foco volta-se para um profundo conflito entre vida, situações-limite e a ocorrência de situações-limites. Não se trata de meras dissonâncias que de alguma forma possam ser eliminadas, mas, antes, de uma tensão que o homem tem que suportar enquanto “efetivamente” vive. Não ser confrontado com situações-limite não significa que elas não estejam aí. Por isso, não podem ser simplesmente reduzidas a crises momentâneas, nem mesmo àquilo que, na esfera comum, se denomina ‘crises existenciais’. Poderíamos imaginar, nesse contexto, algo como um estado de espírito originário, ou até mesmo uma “disposição fundamental” [*Grundbefindlichkeit*], para usar uma expressão de Heidegger (2002, I, p. 247). Se insistirmos, todavia, em usar a expressão ‘crise existencial’, precisaríamos pensar em uma crise para a qual não há soluções, uma crise que determina e sustenta o próprio existir humano – uma ‘crise-limite’.

Há um outro momento, na citada passagem, que precisa ser sublinhado: a ocorrência das situações-limite não depende, a princípio, de nós. Elas apresentam-se a mim, não eu a elas. Não derivam de meu comportamento, não resultam do fato de ter agido de forma inadequada, ter cometido erros ou não ter entendido suficientemente a complexidade de um acontecimento. Frequentemente me envolvo em problemas e em situações embaraçosas simplesmente por não ter tido uma conduta condizente com as exigências do momento ou por ter ignorado certas normas. Mesmo assim, eu sei, ou pelo menos posso imaginar, que poderia tê-las evitado se tivesse me comportado de maneira diferente, talvez de maneira mais refletida e cautelosa.

Com as situações-limite a ‘história é outra’. Não consigo administrá-las, controlar sua ocorrência em minha “experiência viva”. E quando elas se apresentam “com total clareza”, deparo-me com algo insuportável que ameaça destruir minha vida – “a vida cessaria”.

Finalmente, há uma indicação na afirmação de Jaspers que nos chama a atenção: uma conexão entre ter um “apoio” [*Halt*] e a ocultação das situações-limite. Nas situações cotidianas, essas situações-limite raramente podem ser vislumbradas. Estou de algum modo amparado e escorado em algo que me oferece abrigo e proteção. Um “apoio” funciona aqui como um véu atrás do qual se esconde a realidade das situações-limite. Enquanto permanecem ocultas, sinto-me de alguma forma seguro e a vida torna-se suportável, apesar de todas dificuldades e conflitos. Vivo como se tudo estivesse, de certa forma, ‘em ordem’, como se minha vida não tivesse nada a ver com situações-limite, como se não me encontrasse em uma posição de permanente insegurança e instabilidade.

É preciso ter clareza sobre o que está em jogo aqui. Situações-limite são fatos, melhor dizendo, “dados” [*Gegebenheiten*] sobre os quais o homem não tem, absolutamente, influência alguma. Justamente aí reside a diferença entre *situações* e *situações-limite*. Em uma *situação*, sempre posso intervir ou pelo menos imaginar que a situação pudesse ser diferente. Se conheço fatores que determinam uma situação concreta, “então posso agir, de maneira calculada, com alguma segurança”.⁴ Muitas vezes percebo que não tenho controle sobre certas situações, sinto que não sou capaz de lidar com elas ou que, por mais que me esforce, não consigo entender suas razões. No entanto, há a possibilidade de resignar-me ou, como se diz com frequência, ‘de aceitar as coisas como elas são’.

Tenho, na verdade, que suportar as situações como um dado, todavia não de modo absoluto; permanece nelas uma possibilidade de transformação, também no sentido de que posso, através do cálculo, *produzir* situações, para então agir nelas como se fossem dadas.⁵

⁴ “[...] so kann ich berechnend mit einiger Sicherheit handeln.” (JASPERS, 1994, II, p. 203).

⁵ “Ich muß Situationen zwar erleiden als Gegebenheit, doch nicht schlechthin; es bleibt in ihnen eine Möglichkeit der Verwandlung auch in dem Sinne, daß ich berechnend Situationen herbeiführen kann, um in ihnen dann als nunmehr gegebenen zu handeln.” (JASPERS, 1994, II, p. 202).

Com as *situações-limite* é diferente. Aqui reside o limite por excelência, não há possibilidade de intervenção, não há espaço para desvios ou para fantasias. As situações-limite “são como um muro contra o qual colidimos e no qual fracassamos.”⁶ Os limites das situações-limite são *limites absolutos*, não há como ultrapassá-los. Para além deles não se pode vislumbrar nada, absolutamente nada.

Se as situações-limite são, inicialmente, como sugere Karl Jaspers, algo essencialmente diferente das experiências cruciantes que temos ao longo da vida, resta-nos perguntar: O que realmente se vivencia nessa experiência tão extraordinária? O que acontece nesse *limite absoluto* e intransponível?

O sentido

Situações-limite são situações. Essa afirmação, aparentemente banal, é essencial para esclarecer o que ocorre nas situações-limite. Já mencionamos: situações podem ser influenciadas, dominadas, controladas e até mesmo criadas. No entanto, seria um erro supor que o homem pode abstrair-se, por completo, de situações. Colocar-se acima de uma situação ou simplesmente ignorá-la configura uma situação; ‘sair’ de uma determinada situação implica, sempre, entrar em outra situação. Existir “é estar em situações, nunca posso sair de uma situação *sem entrar em outra*.”⁷ Não há como negar essa premissa: encontramos-nos constantemente em situações. Enquanto, para Heidegger, o homem⁸, antes mesmo de ser homem, é *ser-no-mundo*, *ser-aí*, *ser-com* e assim por diante, com Jaspers podemos afirmar que ser homem significa “ser-em-situação”.⁹

A filosofia, desde seus primórdios, recorre frequentemente a conceitos relativos a espaço a fim de esclarecer a condição humana: *ethos*, *apeiron*, *haecceitas*, *Sphären*, *indexicais*, etc. O conceito de situação também brota de uma “concepção perspectivo-espacial”¹⁰ do que significa ser humano. Só que em Jaspers a palavra situação não remete apenas à ideia de espaço ou de localização. Ela indica, também, “conexão”, vinculação, relação. E, portanto, se insistirmos em entender o homem como um “ser-em-situação”, não podemos perder de vista o fato dele sempre se encontrar em uma relação. Jaspers designa o objeto dessa relação: “Situação significa [...] uma *realidade relacionada a sentido*, que não é nem psicológica nem física, mas ambas, ao mesmo tempo, enquanto a realidade concreta”.¹¹

Estamos aqui diante de mais um elemento central para caracterizar a ideia de situação: situação é uma realidade que está vinculada a um *sentido*. Isso não é novidade para nós. Já introduzimos o termo “apoio” como algo que, para Jaspers, não apenas impede, mas também protege o homem de encarar as situações-limite. Agora, nos deparamos com o conceito de “sentido”. Não obstante, a ideia é semelhante e expressa uma característica essencial de uma situação e, portanto, do modo como o ser humano encontra-se no mundo ou, na linguagem

⁶ “Sie sind wie eine Wand, an die wir stoßen, an der wir scheitern.” (JASPERS, 1994, II, p. 203)

⁷ “[Weil Dasein] ein Sein in Situationen ist, so kann ich niemals aus der Situation heraus, ohne *in eine andere einzutreten*.” (JASPERS, 1994, II, p. 202).

⁸ Optamos, em nosso ensaio, pelo uso do termo o *homem*, tradução mais corriqueira e também mais precisa da palavra alemã *der Mensch*.

⁹ “In-Situation-sein” (JASPERS, 1994, II, p. 203).

¹⁰ “[...] räumlich-perspektivischen Vorstellung” (JASPERS, 1994, II, p. 201).

¹¹ “Situation heißt [...] eine sinnbezogene Wirklichkeit, die weder psychisch noch physisch, sondern beides zugleich als die konkrete Wirklichkeit ist.” (JASPERS, 1994, II, p. 202).

de Jaspers, do homem enquanto “ser empírico” [Dasein]. *Ser-em-situação* significa *ser referido a um sentido*.

Essa determinação é importante para compreendermos com mais clareza a ideia de situações-limite:

Comum a elas é o fato de que – sempre, no mundo objetivo-concreto, cindido em sujeito-objeto – não há *nada sólido*, nenhum absoluto indubitável, nenhum apoio que oferecesse firmeza e estabilidade a cada experiência e a cada pensamento. Tudo flui, está no constante movimento de ser-colocado-em-questão, tudo é relativo, finito, fragmentado em contradições, nunca o todo, o absoluto, o essencial.¹²

“Sem chão” [*Bodenlosigkeit*], “ausência de apoio” [*Haltlosigkeit*], “abismo” [*Abgrund*], “inesencialidade” [*Wesenlosigkeit*] são termos que Jaspers (1960, p. 290-292) utiliza para caracterizar aquilo que o homem experimenta em situações-limite: a radical questionabilidade da vida como um todo. Não apenas certos aspectos, certos hábitos, certas concepções ou visões de mundo: tudo se esfacela na experiência de situações-limite. Não é mais possível explicar, encontrar uma saída, enxergar um sentido. Todo sentido desaparece, tudo se torna absolutamente duvidoso, não há mais onde se firmar.

O ser empírico parece sem chão. Tudo é nada; alguém pode suportá-lo enquanto mentir para si mesmo. Mas uma vez que se torna evidente que nada é, que o ser empírico é simplesmente desperdiçado por um instante, a vida se torna insuportável: eu não quero estar aí como nada.¹³

Situações-limite são situações que afetam a realidade: não existe mais a “realidade relacionada a sentido”. Tudo o que se apresentava como real torna-se pura ilusão, mero engano, uma grande ficção. Cenários desabam, como diria Camus (2004, p. 27). Não consigo imaginar sequer um único ponto, por ínfimo que seja, que possa servir-me de orientação. Superar as situações-limite não está ao meu alcance; toda competência, todo conhecimento, toda ‘força de vontade’ que acreditava possuir desaparecem de uma só vez. Encontro-me, agora, totalmente impotente, completamente indefeso, sem recursos, sem habilidades, sem fantasias.

Não apenas a ameaça, mas a impotência do ser empírico como um todo torna-se evidente nas situações-limite. A comoção não é indiferente, pois questiona: o que você é? o que você quer? para que você está aí? e mostra-me meu abandono e minha destruição final. Tudo aquilo que parecia real não é nada, pois se torna nada.¹⁴

Em vista disso, não causa surpresa o fato de Jaspers, em sua *Psicologia das Visões de Mundo*, abordar o problema do *niilismo* na esteira da análise que faz das situações-limite. Nessa discussão – de certo modo carente de certo rigor conceitual – dois fenômenos diferentes mes-

¹² „Deren Gemeinsames ist, daß – immer in der Subjekt-Objekt-gespaltenen, der gegenständlichen Welt – *nichts Festes* da ist, kein unbezweifelbares Absolutes, kein Halt, der jeder Erfahrung und jedem Denken standhielte. Alles fließt, ist in ruheloser Bewegung des in Fragegestelltwerdens, alles ist relativ, endlich, in Gegensätze zerspaltten, nie das Ganze, das Absolute, das Wesentliche.“ (JASPERS, 1960, p. 229).

¹³ “Das Dasein scheint bodenlos. Es ist alles nichts; solange man sich etwas vorlügt, kann man es aushalten. Wird aber offenbar, daß nichts eigentlich ist, man sein Dasein nur eine Weile fristet, so ist das Leben unerträglich: ich will nicht als nichts da sein.” (JASPERS, 1994, III, p. 71).

¹⁴ “Nicht nur die Gefährdung, sondern die Ohnmacht des Daseins im Ganzen wird in den Grenzsituationen offenbar. Das Überwältigtsein ist nicht gleichgültig, denn es stellt in Frage: was bist du? was willst du? wozu bist du da? und es zeigt mein Preisgebensein und mein endgültiges Zerstörtwerden. Was alles wirklich schien, ist nichts, denn es wird zu nichts.” (JASPERS, 1991, S. 186).

clam-se de tal forma que quase obliteram uma pista importante para a compreensão das situações-limite. Por um lado, o niilismo é apresentado como uma ideologia, ou na linguagem de Jaspers, como uma “clausura”¹⁵ na qual o homem, diante das situações-limite, pode refugiar-se, ou seja, logra esconder-se de algo insuportável para sua vida. Nesse “niilismo enclausurante”, tudo o que tem a ver com sentido, propósito e valor é simplesmente negado. Não há nada pelo qual valha a pena lutar, nada que seja de alguma forma essencial. O que se apresenta agora como capaz de oferecer “apoio” é “o mero sentimento de *inabalabilidade*”, esvaziado de conteúdo, uma “ataraxia”¹⁶, bem como uma distância e indiferença com relação aos outros e às suas situações. Nada mais é capaz de perturbar o eu.

Por outro lado – e isso é importante para a compreensão das situações limites –, Jaspers utiliza o termo niilismo para insinuar um “processo” [*Prozess*] que se inicia na vivência de situações-limites e que flerta constantemente com um “nada absoluto” [*absolutes Nichts*].

O nada

Na verdade, não se trata aqui de um simples “processo”, mas antes de uma “força impulsiva”, de “tendências ao niilismo”¹⁷ que têm suas raízes no confronto com situações-limite. Diante delas quase sempre temos um “apoio”, mesmo que não esteja cristalizado em ideologias, em dogmatismos ou outras “clausuras solidificadas” [*erstarrte Gehäuse*]. Afinal, como nos ensina Jaspers, simplesmente não é possível viver sem alguma espécie de “apoio”.

Esse “apoio” não necessita, contudo, ser entendido apenas como doutrinas, princípios, valores, ou seja, como algo bem elaborado e de alguma forma explicitado. O próprio meio em que vivemos e com o qual estamos familiarizados já propicia certa segurança e proteção. Os diversos costumes e regras da comunidade que seguimos, na maioria das vezes de modo irrefletido, as crenças religiosas e, de maneira especial, a própria língua materna, que nos determina e, também, permite articular nossos pensamentos, desejos e angústias – tudo isso nos oferece certo “apoio”. Também as explicações científicas influenciam nossa compreensão das coisas, balizam nossas ações e reações e contribuem decisivamente para nossa “orientação no mundo” [*Weltorientierung*]. No entanto, na experiência de situações-limite, tudo o que é de certa forma ‘natural’, evidente e, ao mesmo tempo, crucial para a “condução de vida”, começa a se dissolver.

A experiência consciente das situações-limite, que antes estavam cobertas pela clausura sólida das formas de vida, das imagens de mundo, das representações de fé, objetivamente evidentes, [...] desencadeia um processo que leva à dissolução da clausura natural, irrefletida.¹⁸

Esse processo de dissolução radical do que antes era considerado certo, seguro e sólido pode levar-nos à “destruição” [*Vernichtung*]. No momento que nos sentimos capazes ou que vislumbramos meios de impedir ou conter essa dissolução destruidora, não nos encontramos

¹⁵ A ideia de “clausura” [*Gehäuse*] já havia sido utilizado por Max Weber, por exemplo, em sua obra *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Optamos por traduzir “Gehäuse” como “clausura”, por julgarmos expressar relativamente bem a ideia de enclausuramento, discutida por Jaspers em sua *Psicologia das Visões de Mundo*.

¹⁶ „[...] das bloße Gefühl der *Unerschütterlichkeit* [...] Ataraxie“ (JASPERS, 1960, p. 296).

¹⁷ “Triebkraft zum Nihilismus” e “Tendenzen zum Nihilismus” (JASPERS, 1960, p. 289s).

¹⁸ „Die bewußte Erfahrung der Grenzsituationen, die vorher durch das feste Gehäuse der objektiv selbstverständlichen Lebensformen, Weltbilder, Glaubensvorstellungen verdeckt waren, [...] lassen einen Prozeß beginnen, der das vorher selbstverständliche Gehäuse zur Auflösung bringt.“ (JASPERS, 1960, p. 281).

mais nesse “processo”, nem diante das situação-limites “em toda sua clareza”. Experimentar situações-limite significa justamente isso: não haver nenhuma contramedida. Não estaríamos aqui metidos numa situação em que experienciamos o *nada*? Não seria essa uma conclusão necessária se levarmos a sério o significado das situações-limite?

Em muitas passagens, Jaspers parece sugerir que sim, permanece, todavia, um tanto vago e impreciso. Talvez a razão dessa hesitação e imprecisão resida na tentativa de evitar interpretações equivocadas segundo as quais o nada, como dissemos acima, ‘funciona’ como um “apoio”. Seja como for, a dúvida permanece: Seria possível imaginar algo como *nada*, melhor dizendo, *nada* como algo? Jaspers tende a reservar essa palavra, tão carregada negativamente e com tamanho poder destrutivo, para indicar certas posturas que insistem em simplesmente negar ou duvidar de tudo. Não é à toa que o niilismo e o ceticismo são discutidos num mesmo capítulo da *Psicologia das Visões de Mundo*.¹⁹

O *nada* manifestado nas experiências com as situações-limite – e que Jaspers, apesar de toda cautela, nunca deixa desaparecer completamente de seu pensamento – não é algo que se dá de alguma forma, talvez extraordinária, e que, enquanto dado, oferece ao ser humano uma possibilidade de proteção e sentido. Em situações-limite, o nada é, simplesmente, nada, isto é, manifesta-se em sua completa *nadidade*. Se insistirmos, nesse contexto, em imaginar um “apoio”, então não nos resta outra opção que não imaginar um *apoio no nada*.

Jaspers recusa essa inferência, deixa, não obstante, algumas marcas em seu caminho filosófico que poderiam conduzir a tal afirmação. Por exemplo, quando ele, de um lado, nos remete à ideia de “apoio no infinito” [*Halt im Unendlichen*] e, de outro, o identifica como “a fonte originária” tanto do “apoio em clausuras limitadas” quanto do “movimento niilista”²⁰, ameaçador da vida; ou quando nos explica a concepção segundo a qual os “motivos das visões de mundo” estão relacionados com as constantes tentativas humanas de “escapar do nada e, ao mesmo tempo da inquietação, do sofrimento”.²¹

Diante de tais considerações, poderíamos pensar que, finalmente, encontramos uma causa originária que determina todo comportamento e atitudes humanas. No *nada*, que se revela na experiência das situações-limite, residiria a razão última de um profundo estranhamento do ser humano, isto é, o porquê do fato do homem – enquanto “ser empírico” – estar sempre buscando escapar de si mesmo, de sua ‘essência’ e, portanto, de seu modo próprio de ser. Assim, *ser* e *nada* estariam tão ligados que um não poderia ser pensado sem o outro.

Jaspers, no entanto, opta por uma abordagem um pouco diferente. Certamente as situações-limites podem ser compreendidas como uma experiência com o *nada*. Ao mesmo tempo, porém, representam um confronto com aquilo que *sou eu mesmo*. Em sua filosofia das situações-limite, Jaspers não pretende apenas chamar a atenção para o nada, mas procura enfatizar o ser [*Sein*] e o ser mesmo [*Selbstsein*].

Que na experiência de situações-limite sou colocado diante de algo que permanece oculto de mim na vida fática, isso está claro. O que permanece ainda obscuro é a ideia de, em situações-limite, eu ser colocado diante de minha “situação fundamental” enquanto ser humano, ser posto diante de mim *mesmo*, de mim enquanto *existência*. O que isto quer dizer?

¹⁹ “Skeptizismus und Nihilismus” (JASPERS, 1960, p. 285-304).

²⁰ “[...] nihilistische Bewegung” (JASPERS, 1960, p. 30).

²¹ “[...] dem Nichts und zugleich der Unruhe, dem Leiden [...] entgegen” (JASPERS, 1960, p. 283).

O sofrimento

Antes de adentrarmos essa questão capital, é necessário, mais uma vez, examinar um aspecto decisivo concernente às situações-limite. Discutimos algumas de suas características mais significativas: o *limite* absoluto, a crise de *sentido*, o apoio no *nada*. No entanto, ainda não sabemos quais situações-limites são especificamente elencadas por Jaspers.

A questão não parece, a princípio, oferecer dificuldades. Se conferirmos o índice do segundo volume de sua obra *Filosofia* (1932), intitulado “Esclarecimento da existência” [*Existenzerhellung*], logo constataremos: “morte”, “sofrimento”, “luta”, “culpa” e, num capítulo extra, “a situação-limite da determinação histórica da existência”, bem como, no contexto desta, o “acaso” e o “início”.²² No entanto, se considerarmos outras obras de Jaspers, perceberemos certas nuances que expressam não somente um momento importante de seu pensamento, mas, de certo modo, uma ideia central de toda reflexão existencial-filosófica.

Na *Psicologia das Visões de Mundo* – a obra que apresenta o tema pela primeira vez –, Jaspers destaca quatro “situações-limites especiais”: “luta”, “morte”, “acaso”, “culpa”.²³ Nesse livro que, vale lembrar, oscila entre psicologia compreensiva e filosofia, o sofrimento não é visto como uma situação-limite, mas, sim, como uma “característica geral” de *qualquer* situação-limite. Em outras palavras: o sofrimento é uma condição necessária de toda e qualquer situação-limite: “O comum a todas as situações limite é que elas implicam sofrimento”.²⁴

Doze anos mais tarde, em sua obra *Filosofia* (1932), Jaspers empreende duas alterações significativas. Primeiramente, o sofrimento surge não mais como uma característica geral, mas como uma situação-limite entre outras; em segundo lugar, introduz a “situação-limite da determinação histórica da existência”, à qual é dada uma ênfase especial e, vinculada a ela, a “situação limite do início” na qual “eu sou determinado pela minha *origem*”.²⁵ Qual o motivo para essa correção?

Não é possível dar uma resposta definitiva a essa questão. Fato é que, se pensarmos bem, ao menos duas situações-limites discutidas por Jaspers não implicam necessariamente o sofrimento: a luta e o acaso. Experimentar a luta como situação-limite significa, a princípio, confrontar-se com sua inevitabilidade: “A luta é uma forma básica de toda existência”²⁶, seja ela no plano biológico ou causada por conflitos espirituais, seja ela travada contra a natureza ou até mesmo contra os meus semelhantes a fim de obter “as bases materiais” para minha vida.

Uma possível ausência de sofrimento aplica-se sobretudo à situação-limite do “acaso”. Aqui pode ocorrer até o contrário. Pode ser que uma confrontação com o acaso provoque um sentimento forte de alegria e felicidade – por exemplo, quando me dou conta de que, por ‘puro acaso’, não estive envolvido em uma situação trágica. “Quer os eventos sejam benéficos ou destrutivos, o homem se encontra preso a tais acasos que não estão em seu poder.”²⁷

Há, basicamente, duas possibilidades de eliminar essa dissonância: ou o acaso e a luta abandonam a esfera das situações-limite, ou o sofrimento deixa de ser uma característica comum a todas as situações-limite. Não é difícil perceber as consequências dessas opções para a compreensão das situações-limite. No primeiro caso, elas estariam de tal forma ligadas ao

²² No original alemão, pela ordem: “Tod”, “Leiden”, “Kampf”, “Schuld”; “die Grenzsituation der geschichtlichen Bestimmtheit der Existenz”, “Zufall” e “Anfang” (JASPERS, 1994, II, p. 210ss.).

²³ No original alemão, pela ordem: “Kampf”, “Tod”, “Zufall” und “Schuld” (JASPERS, 1960, p. 229-248).

²⁴ “Das Gemeinsame aller Grenzsituationen ist, daß sie Leiden bedingen” (JASPERS, 1960, p. 247).

²⁵ “[...] ich bin bestimmt in meiner Herkunft” (JASPERS, 1994, II, p. 215).

²⁶ “Der Kampf ist eine Grundform aller Existenz.” (JASPERS, 1960, p. 257).

²⁷ “Ob die Ereignisse fördernd oder zerstörend sind, der Mensch sieht sich gefesselt an solche Zufälle, die nicht in seiner Macht stehen [...]” (JASPERS, 1960, p. 271).

sofrimento que até poderiam ser confundidas com ele. A experiência de situações-limite poderia então ser interpretada como experiências difíceis, perturbantes, trágicas, ou seja, como situações em que, inevitavelmente, sofremos mental ou fisicamente. Já no segundo caso, as situações-limite não estariam mais necessariamente atreladas ao sofrimento.

Jaspers decide pela segunda opção. O sofrimento perde sua função de “caracterização geral” e surge, na *Filosofia* (1932), como uma situação-limite entre outras. A partir de agora, nas reflexões de Jaspers, existem situações que não são acompanhadas de sofrimento, mas que, ainda assim, devem ser classificadas como situações-limite. Com esse discreto, mas decisivo ajuste, o sofrimento liberta-se do seu papel anterior – papel difuso, demasiado geral, quase abstrato.²⁸ Ademais, os esforços para refletir e determinar as situações-limite tomam um outro rumo: as situações-limites passam a ser compreendidas como situações em que o homem se confronta com aquilo que ele, originariamente, é: finitude e existência.

A finitude

Há uma transição qualitativa da *situação* para a *situação-limite*. Morte, sofrimento, culpa, luta são situações que podem confrontar o homem com sua constituição finita – *podem*, mas não precisam. Em uma vida conduzida, por exemplo, por uma genuína visão de mundo religiosa, situações como a morte ou o sofrimento não somente não aparecem como situações-limite, como são até capazes de se apresentar como um evento libertador que inaugura uma vida melhor e incomparavelmente mais rica. Este é um, se não o momento, que marca, por exemplo, o martírio. Para o mártir, o sofrimento e a morte não representam um *limite absoluto*, uma manifestação do *nada* ou algo *sem* qualquer referência a *sentido*. Não são vistos como algo insuportável do qual tem-se de escapar ‘custe o que custar’. Pelo contrário. O martírio ilustra bem o fato de que a experiência da morte e do sofrimento não implicam, necessariamente, uma *experiência* de situações-limite.

Do que vimos até aqui, é possível identificar dois significados de situações-limite. De acordo com o primeiro, elas dizem respeito a momentos inevitáveis, ou, para usar uma expressão de Heidegger, a “fenômenos existenciais fundamentais” que escapam ao controle e ao domínio do ser humano enquanto “ser empírico”. São situações que, nas palavras do próprio Jaspers: “se mantem essencialmente idênticas, mesmo quando a sua aparência momentânea se modifica e se oculta a sua força avassaladora: tenho que morrer, tenho que sofrer, tenho que lutar, estou sujeito ao acaso e incorro inelutavelmente em culpa.” (JASPERS, 1998, p. 25-26).

O segundo significado refere-se, por sua vez, à experiência com situações-limite, bem como com essa “força avassaladora” que as caracteriza. Enquanto no primeiro sentido, a ênfase recai sobre o *caráter subsistente* das situações-limite, no segundo, se destaca a *experiência* de situações-limite. No primeiro caso, situação-limite não passa de um título para *determinantes* da condição humana; no segundo, situação-limite denomina a *experiência com esses determinantes* – a experiência que o ser humano tem *com* e *em* situações-limite.

Na verdade, porém, essas duas variantes estão intimamente vinculadas. Não há situações-limite sem a experiência de situações-limite. Experimentar a morte, o sofrimento, a luta ou outras situações *como* situações-limite, pressupõem um ‘estado de espírito’ que vislumbra –

²⁸ A partir desse momento, Jaspers utilizará o conceito de sofrimento expressamente e exclusivamente para designar algo desagradável, insuportável, aflitivo, ou seja, algo que realmente ‘machuca’, provoca dores – as “dores físicas”, as “enfermidades”, a “senilidade patológica”, a “aniquiação pelo poder dos outros e as consequências da dependência em toda forma de escravidão” etc. (JASPERS, 1994, II, p. 230).

seja na morte, seja no sofrimento, seja na luta ou seja em outras situações – o *limite absoluto*, a *ausência de sentido*, o *nada em sua nadaidade*; pressupõe, sim, um sentimento, melhor dizendo, uma disposição, caracterizada por um profundo “desamparo”, por um “vazio aniquilador”²⁹, por uma incapacidade de encontrar “apoios” e se refugiar em “clausuras”.

Novamente, a situação limite do acaso torna evidente essa relação. O acaso apresenta-se como situação-limite quando ‘me dou conta’ da completa inexplicabilidade de eventos em minha vida fática e da impossibilidade de considerar esses eventos como necessários, prováveis ou compreensíveis. “O indivíduo vivencia esse acaso em sua vida como uma estranha realidade por toda parte, na medida em que medita sobre ele e busca encontrar seu sentido [...]”³⁰

A experiência de “meditar sobre” e “buscar encontrar sentido” não deve ser reduzida a apenas uma atividade intelectual ou apreensão racional, em cujo desfecho emergiria uma situação identificada como “realidade estranha”, interpretada, por sua vez, como uma situação-limite. As ideias de *meditação* e de *busca por sentido* pressupõem que o homem já se encontra em situações-limite. São elementos constitutivos de uma situação-limite *determinante* no sentido de que trazem à tona, com mais clareza, a impotência, a finitude em que o homem se encontra.

De fato, Jaspers esclarece como, em situações-limite, a finitude é experienciada de maneira singular. Entretanto, ele não pretende, como Heidegger o faz explicitamente, por exemplo, em sua discussão sobre *Kant e o problema da metafísica* (1929), perscrutar em que consiste a essência dessa finitude. Em um ponto, todavia, Jaspers e Heidegger parecem concordar. Para esclarecer a finitude que determina o ser humano não basta, simplesmente, “enumerar a soma de todas as imperfeições humanas e ‘abstrair’ aquilo que entre elas é comum” (HEIDEGGER, 2019, p. 221).

Através do pensamento racional e calculador ou, nas palavras de Jaspers, como “consciência em geral” [*Bewußtsein überhaupt*], o homem não é capaz de compreender a dimensão das situações-limite, muito menos a finitude que nelas se revela. Como posso, então, ‘acessar’ essa finitude? Como é possível conscientizar-me das situações-limite enquanto determinantes de minha condição humana?

Não há uma resposta definitiva para essas questões tão fundamentais. Não existe um método, uma ‘receita’ para acessar “a finitude *no* homem”³¹ ou uma técnica para experienciar as situações-limite *como* situações-limite. Não há como criar uma disposição de desamparo e vazio. Se isso ocorre ou não, não depende exclusivamente do homem. Até mesmo o filosofar não parece poder contribuir para essa experiência, afinal ele mesmo já é uma consequência, uma reação, ou seja, tem sua origem nas experiências de situações-limite.³²

Fato é que quando situações-limite se apresentam a minha “experiência viva”, sou conduzido para um modo de ser muito peculiar, percebo que não sou somente um “ser empírico”, mas também algo indefinível, inexpressável, indeterminado – sou “existência”.

“Experimentar situações-limite e existir são a mesma coisa.”³³

²⁹ Expressões utilizadas por Karl Jaspers, por exemplo, em sua *Iniciação Filosófica* (JASPERS, 1998, p. 56, 120).

³⁰ “Diesen Zufall erlebt der Einzelmensch in seinem Leben, sofern er darüber nachdenkt und den Sinn finden möchte, als unheimliche Tatsächlichkeit überall [...]” (JASPERS, 1960, p. 271).

³¹ “[Die] Endlichkeit *im* Menschen” HEIDEGGER, 2019, p. 220. Destaque nosso).

³² “A tomada de consciência destas situações-limite é, após o espanto e a dúvida, a origem mais profunda da filosofia.” (JASPERS, 1998, p. 26).

³³ “Grenzsituationen erfahren und existieren ist dasselbe.” (JASPERS, 1994, II, p. 204).

Referências

- CAMUS, A. *O Mito de Sísifo*. São Paulo; Rio de Janeiro: Editora Record, 2004.
- HEIDEGGER, M. *Kant e o problema da metafísica*. Tradução de Alexandre Franco de Sá e Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Via Verita, 2019.
- HEIDEGGER, M. Notas sobre “a psicologia das visões de mundo” de Karl Jaspers. In: *Marcas do Caminho*. Tradução de Enio P. Giachini e Ernildo Stein. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 11-55.
- HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo* (Parte II). Tradução de Márcia de Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.
- HEIDEGGER, M. *Wegmarken*. Gesamtausgabe, vol. 9. In: HERMANN, F. W. von (Org.). Frankfurt: Vittorio Klostermann, 1996.
- JASPERS, K. *Iniciação filosófica*. Lisboa: Guimarães Editores, 1998.
- JASPERS, K. *Nachlaß zur Philosophischen Logik*. In: SANER, H.; HÄNGGI, M (Orgs.) München: Pieper Verlag, 1991.
- JASPERS, K. *Psychologie der Weltanschauungen*. Berlin: Springer-Verlag, 1960.
- JASPERS, K. *Philosophie*. Vol. I: *Philosophische Weltorientierung*; vol. II: *Existenzerhellung*; vol. III: *Metaphysik*. München, Zürich: Piper Verlag, 1994.
- JASPERS, K. *Von der Wahrheit. Philosophische Logik*. Bd. 1. 4ª edição. München, Zürich: Piper Verlag, 1991.

Sobre os autores

Gerson Brea

Possui graduação (2000) em Filosofia (Magister Artium em Filosofia, Teologia Evangélica e Literatura Alemã Moderna e Contemporânea) e doutorado em Filosofia (2004) pela Universität Augsburg. Desde 2004 é professor do Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília. Atua principalmente nas seguintes áreas: fenomenologia, filosofia existência, ética, política, hermenêutica filosófica. Entre os autores com quem tem trabalhado atualmente destacam-se Karl Jaspers, Edmund Husserl, Martin Heidegger, Hans-Georg Gadamer, Hannah Arendt, Wilhelm Dilthey, Albert Camus, Herbert Marcuse.

Hiroshi Kabashima

Professor da Escola de Pós-Graduação da Faculdade de Direito da Universidade de Tohoku (Japão). Área de especialidade: Jurisprudência, que cobre principalmente três campos: a teoria do direito, a teoria da justiça e a metodologia jurídica. Pesquisa atual se concentra em três tópicos: questões em litígios de direito público, especialmente em casos ambientais e de desastres; a idéia de justiça na história intelectual do século 20; e técnicas de análise jurídica e redação jurídica sob a influência do método jurídico alemão.

Recebido em: 07/08/2022
Received in: 07/08/2022

Aprovado em: 08/09/2022
Approved in: 08/09/2022